

Armenia Nercessian Xavier de Oliveira

Transcrição da entrevista realizada no dia 14 abril de 2026

Tatiana: Pode começar falando sobre você. O que você faz, o que vocês fez...?

Armenia: Meu nome é Armênia Nercessian Xavier de Oliveira. O Xavier de Oliveira é do meu marido. E o seguinte, eu tenho 81 anos, eu fui professora da UFRJ por muitos anos. Também trabalhei na ONU por 16 anos e desde 1999 eu iniciei um projeto que era de apoio a artistas e artesãos para ter acesso ao mercado internacional e é um... e continua até hoje. Se chama NOVICA. Então... tem sede nos Estados Unidos e tem escritórios em 11 países. E é isso. Então, sou casada, tenho três filhos, cinco netos. Meu marido é diretor de cinema, o Xavier de Oliveira. E assim, é a minha família. Somos cinco- éramos cinco irmãos. Uma delas faleceu. Era Hainy. Então Celina, Anita, Hainy, Stepan e eu. Éramos cinco, agora somos quatro. Eu nasci em Fortaleza e com sete anos minha família se mudou para Cristalina porque meu pai já tinha tido mina de cristal lá. E então a gente voltou justamente para retomar essa atividade do meu pai. Fomos morar numa fazenda que era do meu tio José Adamian. Ele já era instalado lá em Cristalina. Ele tinha um escritório e mandava cristal de Cristalina para o Rio. E no Rio o meu tio Paulo Nercessian tinha uma exportadora de cristal e pedras semipreciosas. Então era o ciclo. Meu pai retirava a pedra, meu tio mandava para o Rio de Janeiro e o outro tio, quer dizer na verdade não tinha o primo, e o outro tio mandava, exportava, então era esse círculo. E ficamos lá alguns anos, mas nós tínhamos que ir para... Lá só tinha o primário e quando nós terminamos o primário, tivemos que ir para Goiânia para poder começar o ginásio. Eu fiquei em Goiânia até os 17 anos, porque de lá fui para a União Soviética. Então fiquei três anos lá. Foi justamente quando houve a mudança de regime aqui. Quando eu voltei, já estava a ditadura. Então eu fiquei. Eu tive que vir para o Rio, porque eu era muito conhecida em Goiás. Então tive que vir para o Rio, Rio de Janeiro. E aqui no Rio foi quando eu trabalhei um ano em empresas multinacionais e um ano depois eu entrei para a ONU. Eu fui, comecei uma carreira na ONU. Depois fui, fiz muitas missões na Argentina, no Chile, na América Central, fiz missões por lá e depois fui para Genebra. Em Genebra, eu representava o ACNUR na Comissão de Direitos Humanos. Então pude acompanhar, por exemplo, a aprovação, a laboração e aprovação da Convenção dos Direitos da Criança. Então, eu acompanhei de muito perto e teve um fato engraçado, porque o que nós queríamos o ACNUR queria em inserir um artigo de proteção à criança refugiada. Então, para fazer um lobby, eu convidei... Eu convidei oito embaixadores de diferentes países para que eles votassem, para uma feijoada na minha casa. E quando eu cheguei com eles. Meu marido e o irmão tinham tomado todos os vinhos. Tivemos que sair e ir em restaurante, porque na Suíça 07h30 fecha tudo. Então tivemos que comprar vinho em restaurante. Então, esse é um fato muito curioso, porque

justamente fazendo um lobby, eles vão e... Claro, porque eu não queria, eu não poderia oferecer- Eu tinha caipirinha, mas eles não têm hábito da caipirinha, preferiam tomar um vinho, apesar de não ser muito conveniente com a feijoada. Mas. Mas isso é... Então é isso. Depois eu trabalhei muitos anos na ONU. Claro que quando eu ia em missões para fora pela ONU, eu pedia licença sem vencimento na UFRJ. Aí depois voltava sempre voltando para retomar minha carreira. Até que, em 99, quando eu ia abrir essa empresa lá nos Estados Unidos, eu achei que seria ético pedir demissão, porque se eu pedisse licença, eu manteria o meu, a minha função e evitaria que o departamento fizesse um concurso para substituir, me substituir. Aí pedi demissão. Foi difícil porque os colegas não queriam de jeito nenhum que eu fizesse isso, porque você pediu demissão da universidade. E faltava, não faltavam muitos anos para, naquela época a gente se aposentava com, acho que com 20 ou 21 anos, mulheres e professores tinham aposentadoria muito cedo. Mas mesmo assim eu achei que era mais ético pedir, pedir demissão. E aí comecei esse projeto, que foi um projeto que tinha tudo a ver com o que eu fazia antes porque era justamente apoiar artistas e artesãos de países em desenvolvimento que tinham dificuldades de colocar os seus produtos no mercado, até no mercado interno, então eles tinham acesso ao mercado internacional. Então foi assim, alguns tiveram um êxito! Nós temos um artesão na Índia, um artesão em Bali que ganha US\$ 700.000, faturar US\$ 700.000, quase um... US\$ 1 milhão. Num país, por exemplo Bali, num país onde o salário mínimo na época era US\$ 80. Imagina o que isso representou para ele e para a comunidade, porque ele podia contratar - e com melhores salários - que a gente exigia: "Olha, você está ganhando, mas se a gente souber que você está pagando mal, a gente te retira." Entendeu? Então era nossa condição de melhorar o nível de ganho das pessoas, não só do que estava no sistema, mas do entorno dele. Eu hoje em dia moro já há 50 e tantos anos, 50.. Eu vim em sessenta e... porque eu tive que sair de Goiânia para vir para o Rio. Um ano depois que eu estava aqui, eu conheci meu marido, me casei e estou aqui. Quer dizer, morei em Genebra, viajei muito, fiquei cinco anos em El Salvador porque eu participei da missão de paz em El Salvador, que justamente foi_ A nossa missão era mudar o país, porque foi um novo sistema judicial, uma nova polícia, uma criação de um procurador de direitos humanos que não tinha, Entendeu? Então foi primeiro negociar a paz. Primeiro, houve uma negociação de paz entre a guerrilha e os militares, o governo, e depois mostrar para a sociedade a importância desses acordos. Quer dizer, como isso era importante. Então eu me ocupava de dar. Eles chamavam de 'charlas', palestras para militares, para sindicalistas, para juízes, justamente para mostrar a importância da democracia, a importância de mudar aquele regime. Então porque muita gente tinha uma visão: "Ah, porque a guerrilha violenta", então o bom é que depois os comandantes da guerrilha foram candidatos e se tornaram deputados. E depois um deles foi presidente da República, um dos comandantes, entendeu? Então foi assim mostrar que

olha essa guerrilha que vocês têm tanto receio, são pessoas que lutaram porque não havia alternativa, tiveram que pegar em armas, não havia alternativa. Então, quando houve uma alternativa, eles entraram no sistema, se candidataram, foram eleitos. Então foi isso. Cinco anos eu passei lá. De lá fui para a Bósnia, quando também estava sendo assinado o acordo de paz na Bósnia. Então, era também na mesma função, observar o cumprimento dos acordos de paz. Então, depois vim para o Brasil. Aí ainda retomei a universidade por um ano, fiquei um ano aqui. Aí abrimos essa empresa, esse projeto, começamos esse projeto. Eu gosto de chamar projeto, porque de empresa só tem a estrutura, mas a finalidade é de um projeto. Muita gente diz assim, muitas pessoas que me conhecem, “Como é que está aquela sua ONG?” diante da função, do objetivo, da finalidade da NOVICA.

Tatiana: Se você pudesse falar um pouco também do que você estava contando pra gente do escritório da Armênia, o que aconteceu.

Armenia: Ah, sim, sim. Justamente, em 2023 nós abrimos depois de muitas tentativas, porque eu estive lá em 2000, eu estive lá em 2018, preparando, em 2019 para ver, ter contato, ver os artesãos, o tipo de artesanato que poderia ser comercializado no mercado externo, mercado internacional. Então, finalmente abrimos um escritório com um projeto junto com o financiamento da USAID. Quando o Trump assumiu, no dia seguinte, o Elon Musk suspendeu todos os projetos que estavam em andamento. Não foi nem assim novos projetos, Então suspenderam projetos na África e nos deram um calote grande, entendeu? Então. Então foi assim, uma situação muito difícil para a NOVICA e que tivemos que fechar o escritório porque não tinha condição de continuar depois de um prejuízo. Depois que ele cessaram, também o projeto. Foi muito doloroso, porque eu passei anos tentando abrir um escritório com esse projeto. “Eu tenho que abrir um escritório na Armênia”, dois lugares que eu tinha, queria muito era o Brasil e Armênia, que faziam parte do meu projeto. Aqui, porque é meu país, e Armênia porque é meu país também. Você sabe que nós, armênios, a gente considera. Nós nos consideramos armênios, Brasileiros, mas armênios. Nós temos dupla cidadania, pelo menos no coração. Não temos o papel, mas temos no coração. Então, depois de 20 anos, 20 anos, eu consegui abrir e, lamentavelmente... Talvez no futuro a gente retome. A gente retome. Mas no momento a gente passou para outras organizações tomarem conta. Foi lamentável. Mais uma, mais uma consequência nefasta desse governo Trump.

Tatiana: Nossa, é muita coisa para perguntar da sua vida, dá para ir para vários caminhos. Mas acho que agora vamos então tentar voltar um pouco nessa história da sua família. Então, se você pudesse contar pra gente um pouco da história, de tudo que você sabe da

vinda do seus antepassados, dos seus familiares, da Armênia para o Brasil, pode contar para a gente.

Armenia: Pois não, o seguinte. Meu pai é da região de Diabkir, né? Diabekir, uns falam Diabekir, outros falar Diabakir, depende de como você quer pronunciar e da vila de Hainy. Esse local primeiro os turcos levaram os homens. Quer dizer, isso é na Armênia Ocidental ainda era a Turquia, não era Armênia, era Turquia. Eles levaram os homens. Então meu avô foi levado, não se sabe se direto para a morte ou se foi trabalhar naquelas estradas de ferro... Depois mortos, que todos foram mortos depois. Eles trabalhavam de forma escrava e depois eram eliminados. Depois, mais tarde, vieram buscar os homens, as... não. As mulheres, as crianças e os velhos. Os que ficaram. Ao passarem os soldados levando esse pessoal, a minha avó escondeu meu tio e meu pai numa tina de alimentos, "Vocês fiquem caladinhos aí, não saiam tão cedo." Então eles ficaram. Ela foi levada com o filho mais novo no colo. Foi levado. Meu pai tinha cinco anos, meu tio tinha sete ou oito anos. Infelizmente eu não precisei exatamente, mas ele era mais velho. Primeiro perambularam, eles saíram, a mãe falou "Vocês não fiquem aqui, vocês fujam para outro local." Então eles andaram, assim, no matagal durante horas. Eles chegaram numa outra vila num outro local, todos, assim, feridos, porque eles... entre arbustos, né. Então eles chegaram todos feridos e perambularam pela rua até serem recolhidos para um orfanato. Foram recolhidos para um orfanato e meu pai estava lá com meu tio, nesse orfanato. Só que um oficial turco foi lá visitar esse orfanato, ver lá o que acontecia, levou a mulher e se apaixonaram pelo meu pai. Meu pai era lindo, meu pai tinha olhos azuis. Armênio só tem olho escuro, meu pai era loiro de olho azul, meu tio é moreno de olho escuro. Adotaram meu pai. Sabe aquela coisa de... levaram meu pai. Meu pai conta - devia ser um oficial de 'rank' alto, porque ele tinha um carro aberto. Ele mandou fazer uma farda para o meu pai. Meu pai tinha cinco anos, mandou fazer uma farda. Meu pai ficou acho que um ano com eles, criança não sabe precisar o tempo. Para ele era muito tempo, mas pelo que foi falado devia ser um ano. Um ano ou mais. Acontece que esse oficial para não ir para a batalha, para frente da batalha de guerra, ele deu um tiro na própria perna, mas só que ele teve tétano, teve uma granguena e morreu. No dia seguinte os oficiais, os outros oficiais vieram recolher meu pai, porque achavam um absurdo ele ter adotado um armênio. Levaram meu pai, levaram meu pai de volta para o orfanato. Só que quando ele chegou nesse orfanato, o irmão já não estava, entendeu? Então ele perdeu por completo o contato com o irmão. Depois ele foi para cá, para lá, foi, foi morar com uma família de armênios, ele foi para a Grécia. Sabe que os armênios se movimentam. Ele foi para a Grécia. Na Grécia meu pai fazia, ele escrevia, fazia poesias e poesias de esquerda. He era do grupo - Você sabe que tem Henschak e Tashnag Então era do grupo de esquerda. E o meu pai fazia teatro também ao ar livre e começou a juntar muitos armênios. Mas assim, multidão no teatro que ele fazia em praça pública. Aí

vieram os americanos lá, acharam que era muito, muito arriscado esse negócio de fazer movimentação de armênios, deportaram meu pai. Deportaram meu pai para a França. Aí meu pai chegou, chegou em Marselha, mas ele sabia que o movimento mais estava em Paris. Aí ele foi de Marselha para Paris. Em Paris ele se juntou com o pessoal do partido e tal o grupo de esquerda dos armênios. E aí disseram para ele “Olha, tem uma senhora aqui, que é até casada com um aristocrata, e ela é muito rica, armênia, que ela está fazendo reunião familiar. Ela escreve para os armênios que estão em outros países na Argentina, no Brasil, nos Estados Unidos, e começa a dar informação para ver se localiza.” Aí ela escreveu para o Brasil, escreveu justamente para o Ceará, onde tinha um grupo grande de armênios e falou “Olha, aqui tem um Nercessian ‘haynetsi’”, ‘haynetsi’ que era de Hayni. “Nercessian, Garabed,, tem tantos anos...” Aí chegou na mão do meu tio, que meu pai não via há mais de dez anos, nem sabia se estava vivo ou morto. Aí meu tio falou assim “Manda ele descrever informar, dizer como era a casa que morava.” Era uma casa de dois floors, embaixo era um depósito de alimentos, de não sei o quê. Em cima eles moravam. E tinha uma cordinha que abria a porta. Tinha uma mão de ferro e quando batia a mão de ferro, então era uma das poucas casas que tinha essa característica. Então meu tio não teve dúvida. Aí mandou buscar meu pai. Meu pai tinha uma doença, tracoma, que os cílios nascem para dentro. Ele até ia... Teve um diretor de cinema armênio que foi à Grécia e viu meu pai, porque diziam pra ele “Vai ver esse armênio que faz o teatro!” e queria levar meu pai para Hollywood. Mas quando foi fazer os exames para ir, meu pai tinha o tracoma, foi negado o visto, ele não pôde ir. E aí, como ele, ele não podia vir na segunda classe porque tinha que apresentar um atestado, tinha que passar por um exame de saúde, tinha que passar. Aí meu tio teve que mandar um bilhete de primeira classe, porque a primeira classe não faz exame nenhum, entendeu? Primeira classe vem, vem do jeito que está. Aí meu pai pôde vir, veio para o Brasil, encontrou meu tio. Foi assim, uma emoção enorme. Meu tio, o pessoal conta, ele passou cinco dias sem dormir. Cinco dias. Ele ficava, ele ia lá ver meu pai. Ele ficou numa proteção para meu pai. Em mandou fazer um terno para meu pai no melhor alfaiate da cidade, enquanto ele fazia no alfaiate mais barato que tinha. Então, assim, sempre tratou meu pai assim, uma coisa! Ficaram juntos alguns anos, foram para Ribeirão Preto, eu acho. Aí nessa época eles não estavam ainda envolvidos em cristal. Aí nós tínhamos o primo deles, que morava em Cristalina, e chamou meu pai. Meu pai foi para lá, ganhou muito dinheiro. Aí meu tio começou a... Criou o negócio de exportar cristal e pedras preciosas ou semipreciosas. Então foi assim, meu pai então foi para Cristalina, ganhou dinheiro lá, depois perdeu o dinheiro que ele jogava, jogava muito e foi para Fortaleza, que tinha uma colônia grande lá. Lá conheceu minha mãe, uma nordestina, uma cearense arretada que mandava nele. Era o oposto das armênias, que eram submissas. Ela é que mandava, mandava na casa, nos filhos, no marido. Então ele ficou lá, casou, ficou lá

depois de casar, ficou lá uns oito anos. Eu nasci e com sete anos viemos para Cristalina. Viemos novamente, ele veio novamente retomar aquela atividade anterior.

Tatiana: Como que era lá em Fortaleza com os armênios, para além da família de vocês? Então tinha a família do seu tio, quem que estava aqui? Quando seu pai chegou tinha seu tio, quem mais que estava?

Armenia: Lá em Fortaleza nessa época, tinha meu tio. Meu tio ainda não estava casado, ele estava solteiro. Agora o meu pai chegou no Brasil em 1930. Ele chegou justamente, a primeira primeira parada do navio foi em João Pessoa e justamente no assassinato do João Pessoa. Aí depois ele foi para Fortaleza. Lá tinha uma grande comunidade. Eu digo assim umas dez famílias, eu calculo. Então, lá, por exemplo, quando casou, eu já contei isso para vocês que a minha mãe ia nas reuniões, nos jantares, aqueles jantares fartos dos armênios e demorados, né, que demora horas... E a minha mãe não falava armênio. Então as mulheres se reuniam numa sala, os homens em outra e meu pai, como minha mãe falava armênio, levava ela para a sala dos homens. Elas ficavam horrorizadas que a minha mãe na sala dos homens e meu pai gentilmente, pelo menos traduzia assim o assunto que estava sendo falado para ela. Então é isso. A gente convivia, a gente ia visitar, visitar os armênios, fim de semana, domingo. E muitas vezes convidavam para almoços, aqueles almoços fartos. Então essa era a nossa convivência lá na em Fortaleza, tinha essa colônia.

Tatiana: As famílias falavam em armênio? Da sua geração?

Armenia: Os filhos com pai e mãe armênios, claro que falavam armênio. Todos eles falavam armênio. Eu tinha uma frustração muito grande, porque na minha casa não se falava armênio, porque minha mãe era brasileira. E eu dizia meu pai “Pai, me ensina armênio”, “Ah, minha filha, você vai aprender armênio, você não tem que falar.” Quando nós estávamos em Cristalina, porque eu tinha sete anos, aí eu pedi a ele. Ele falou “Olha, vou te ensinar francês, porque vai ser útil para você.” Ele falava francês, falava grego, falava turco e falava armênio. Meu pai, falava quatro idiomas. Então ele me... comecei a falar um pouco de francês com ele, depois me interessei, entrei para a Aliança Francesa, fiquei só um ano, mas me forçava a ler. Lia romance em francês para poder aprender e tal. E é isso. Então a convivência com essa colônia foi até os sete anos. Depois, quando nós viemos para Cristalina, ficamos na fazenda dois anos, que era do pai, o pai adotivo do Asamian, do Rupen Adamian, que era o José Adamian. Nós ficamos- Ele também era casado com uma mineira, então também não se falava armênio. Ele só falava armênio com meu pai, entendeu? Então era aquela conversa no jogo de gamão, ou então... não era uma conversa do cotidiano assim, para gente aprender. Então é isso. E depois, em Goiânia tinha, tinham três, quatro armênios lá, quatro armênios. Então a gente também tinha uma relação. Eles

vinham fim de semana lá em casa. Um deles cozinhou muito bem, o tio Aram, que a gente chamava tudo de tio. Você sabe que armênio é tudo parente, a gente considera parente. Então ele vinha, fazia, ele cozinhou muito bem, ele fazia umas comidas deliciosas e tinha o tio Manuel, que também vinha nos visitar. Tinha o tio, a gente chamava o Fermanian. Eu nem lembro primeiro nome dele e ele tinha uma loja na cidade, em Goiânia, até em Campinas, que era uma cidade-bairro. E quando ele viajava para São Paulo, eu tomava conta da loja, achava o máximo tomar conta da loja com dez anos, achava o máximo fazer o caixa, uma beleza. Então ele também. A gente convivia, tinha uma outra, tinha um outro que não convivia muito, mas que era dono de uma loja e que tinha filhas lá. A gente era colega do ginásio dessas meninas e então era assim. Quer dizer, Goiânia era muito restrito, eram quatro famílias. Os dois não eram nem casados, então eram quatro armênios, vamos dizer, que a gente... com meu pai, cinco. Cinco armênios, era toda colônia de Goiânia. Então é isso.

Tatiana: E aqui no Rio você chegou a encontrar outros armênios?

Armenia: Ah, sim! Aqui no Rio, inclusive quando eu vinha de férias aqui, coincidiu de eu ir com meu tio algumas festas dessas damas armênias. Então aqui eu fui até fazer um curso de armênio com um armênio, o Aram, não lembro do sobrenome. Fui fazer um curso de armênio, então estava em contato com aqueles descendentes dos armênios, então uma era até a esposa brasileira, mas que queria aprender armênio. Então, e sempre ia nos churrascos... Não, nunca perdi o contato, não. E também o meu irmão, que é um ator conhecido, ele era sempre convidado para os eventos dos armênios. E quando eu ia a São Paulo, São Paulo, sim, tem a igreja, tem a missa, eu fui à missa e à igreja e ao clube, o Clube Armênio. Então o contato lá era maior, quando eu viajava, né. Quando eu estava na ONU, nós tínhamos um escritório, o Dom Paulo Evaristo, ele tinha um escritório dentro da Cúria que recebia refugiados. Então, uma vez por mês eu ia a São Paulo para atender os refugiados lá. E aí às vezes eu ia na igreja ou no clube dos armênios. Então esse é o contato com a comunidade. Mas eu digo, o espírito armênio é muito forte, é muito forte. E te digo mais! Por exemplo, o meu cunhado teve quatro filhos. Os dois primeiros são assim: Nercessian Barros, que é o sobrenome dele. Os dois últimos são Barros Nercessian. Porque era assim, "Não, o nome que vai prevalecer é sempre o último." E pense bem que nessa época meu irmão não era famoso. Então não era o Nercessian por causa do Stepan. Era o Nercessian porque era armênio e eles tinham orgulho. E meu cunhado não tem nada de armênio, entendeu? Era um goiano, o pai era juiz que prezava muito pelo sobrenome dele e ele acabou abdicando do último nome e colocou o Nercessian. Então é isso. Ah, meu... O meu filho que mora em Portugal, também é só Rafael Nercessian. Meu filho aqui, que é, que mora também no Brasil Também é sempre Fábio Nercessian, entendeu? Eles...

É Nercessian de Oliveira, porque o pai é Oliveira, mas eles usam e se identificam como Nercessian. E apesar de não frequentarem a comunidade, mas são, se sentem muito armênios.

Tatiana: Como que era isso? O que é essa coisa de se sentir armênio, né, o que...?

Armenia: É, olha, é uma identidade primeiro, que é uma história. Não é, não é uma nacionalidade qualquer não é uma história qualquer. É uma história- Quem é sobrevivente de um genocídio tem uma marca muito forte. Uma marca muito forte. Eu te digo uma coisa, eu durante anos aqui no Brasil, quando durante os oito anos, eu trabalhava com refugiados que eram os exilados da Argentina, do Uruguai e do Chile, então eu passei anos da minha vida ouvindo relatos de tortura, de desaparecimento. E eu venho de uma história também muito forte. Apesar do meu pai ser uma pessoa que nunca fez tragédia da história dele. Ele sempre contava “Ah, eu na rua, eu estava com muita fome, aí passou um carro, um não, uma carroça com batata. Nós furamos nós os outros garotos, furamos o saco e saímos comendo a batata crua.” Quer dizer, meu pai contava isso como se fosse uma história. Ele não contava em termos de drama. Mas fica, né. Quando você sabe que seu avô foi, foi massacrado, sua avó foi mandada para o deserto. Porque o que a gente imagina o que aconteceu com aquela comunidade foi isso. Mandada para o deserto em na Síria, onde eles não davam comida, as pessoas ou eram mortas, também matavam com baioneta... Então é uma história ruim. Eu, justamente quando eu estava com 40 anos, eu sofri uma depressão. E na minha depressão eu achava que ia ser presa. Eu achava que meus filhos iam ser presos, que meu marido ia ser preso. Entendeu? Por quê? Eu vinha de uma, de uma- Eu tinha isso como background, ouvia tantos relatos de tortura, tinha passado por uma situação também complicada, então isso aflorou. Então esse quadro de depressão veio com essa sensação de perseguição. Então é isso. O armênio, você fala “Eu sou suíço, eu sou holandês...” Você pode ter alguma história, mas como a dos armênios... Depois outra coisa, nós temos um sobrenome que nos identifica. Em qualquer parte do mundo, um Nercessian, um Boiadjian,... seja lá que sobrenome for, é armênio. E eu te digo uma coisa quando eu vejo um filme, isso passa com os armênios lá na Armênia que eu já descobri isso. A gente vê o elenco e os técnicos para identificar algum, algum ‘ian’ lá, entendeu? Então é...

Tatiana: No seu caso, para além do sobrenome, tem o seu nome.

Armenia: Eu tenho o meu nome! Eu estou te falando, onde eu for eu sou uma armênia. Eu Armenia Nercessian. E eu já contei para vocês, né, os inúmeros incidentes, acidentes e incidentes e fatos que me ligam a esse nome que me dão me deram até privilégios de ter esse nome. De ter esse nome. Na primeira visita que eu fiz à Armênia, eu fui visitar uma fábrica. Quando o diretor - eu me apresentei, que era Armenia Nercessian - ele parou a

fábrica mandou todos os funcionários, os empregados virem, abriu um conhaque de não sei quantos anos depois que a gente saiu do evento lá e só que ele ficou decepcionado, que eu não falava armênio. Pois é, pois é, isso é o que ainda falta. Eu não sei se agora aos 81 anos ainda dá para aprender. Mas quem sabe? Quem sabe, né? Quem sabe?

Tatiana: Ainda mais você que fala tantas línguas.

Armenia: É, exato. Quando a gente fala muitas línguas, uma sétima, uma oitava sempre vem mais fácil do que quando você aprende a primeira. A segunda língua. E também o seguinte porque eu me lembro lá... Em Fortaleza, mesmo pequena, me lembro que assim, as mulheres, as meninas tocavam piano e os meninos era violino, ou outro instrumento, um baixo, entendeu? Mas era uma preocupação dos armênios em ensinar música para os filhos e alguns eram até bons músicos se destaca- Tem um lá que foi para uma orquestra. E foi muito curioso porque nós fomos para Cristalina com sete anos. Meu pai então resolveu comprar um violino. Meu pai não. Para ele, esse negócio de ser piano, não. Comprou um violino que era mais fácil. Ele achou um violino lá em Cristalina e contratou um o maestro do coreto lá que aquela banda do coreto para nos dar aula de música e de violino. Acontece que ele era muito cansado, gordo e ele começava dó, ré, mi e dormia. Não faz dormir. Aí não deu certo. A gente não foi adiante com o violino. Aí um tio que estava lá, que esse Manuel, que estava também no garimpo, arranhava no violino. Aí meu pai levou para ele brincar lá no.... Aí um rapaz que era garimpeiro, que apareceu por lá. Assim “Eu posso, posso tocar?” todo mundo ficou “Uai, o que esse garimpeiro...?” O rapaz foi e tocou divinamente. Ele tinha estudado em Viena. Ele, a noiva morreu e ele foi, virou andarilho e foi acabar, como não tinha dinheiro, foi trabalhar no garimpo. Aí, claro, meu pai deu o violino de presente para ele e aí encerrou nossa nossa carreira musical. Meu pai era muito generoso, sabe? Era uma coisa impressionante.

Tatiana: Você tinha comentado aqui, na Grécia que seu pai era do teatro, fazia...

Armenia: É, fazia poesia, muita poesia também.

Tatiana: E seu irmão pegou alguma coisa dele...?

Armenia: Não, o irmão era comerciante, o irmão sempre foi comerciante.

Tatiana: Não, o seu irmão.

Armenia: Quem?

Tatiana: O Stepan.

Armenia: Ah, o Stepan, sim! Bom, tem o Stepan. Minha filha é atriz lá em Los Angeles e é também escritora. Ela é roteirista, fez uma série para Amazon, fez um filme, escreveu o roteiro e interpretou um filme feito pela MGM. E o Stepan é ator desde os 14 anos. E o meu sobrinho, filho da minha irmã, também é ator, o Pedro Nercessian. Né, o Stepan Nercessian

e o Pedro Nercessian. Então temos essas... Bom, também tem meu marido, que é diretor de cinema, o Xavier de Oliveira. Quando ele tinha garimpo, o delegado foi lá falar pra ele “Garó”, isso quando ele era ainda solteiro. “Garó, olha, eu prendi aqui um garimpeiro seu porque ele foi vender pedra para um outro comprador.” Porque era- tinha dois compradores, meu tio e um outro. “Então eu já aprendi, está preso lá.” Aí ele foi lá, “Olha,... ele não tirou... da minha, do meu escritório, nem da minha casa. Ele tirou da terra. La terra não é minha. “Garó! Mas o garimpo é seu, as máquinas são suas...” “Mas a terra...”, entendeu? Para ele a terra. “Ah, não, mas está preso.” Aí falou “Você tem que soltar.” “Está preso, não vou soltar.” Aí falou assim “Eu pago a fiança porque aí você é obrigado a soltar porque se- eu vou pagar a fiança.” E pagou a fiança e soltou. Quer dizer, a compreensão. Meu pai tinha assim um comportamento. Tudo que você fala do cristão, que é tudo de bom para fora. Meu pai aplicava. Entendeu? A empatia, o perdão, sabe, uma pessoa fazia alguma coisa contra ele, ele “Coitado...” Tudo era, tudo era passageiro. Tudo estava bom. Assim, uma uma compaixão pelo outro muito grande. Aquela coisa da solidariedade. Ele acolheu em casa irmãos da minha mãe, com quatro filhos, quatro filhos. Ainda dizia para gente “Olha, vocês tem que tratar muito bem, porque ele veio aqui, porque está necessitado. Tratem ele melhor do que seu tio rico.” Então era, sabe? Primeiros a serem servidos eram eles. Na mesa, a gente tinha uma mesa grande. Então primeiro a ser servido. Comprava fruta, comprava picolé, dava para mim e para os filhos dele, entendeu? Então tinha essa atitude, meu pai, ele praticava. Ele era um comunista, que era no comportamento, aquela coisa coletiva. E o outro era muito importante, o respeito. Só esse respeito que ele tinha por nós, pela nossa individualidade, entendeu? Era muito, muito grande.

Tatiana: É bom crescer numa casa assim...

Armenia: Ah, sem dúvida! Eu sou muito grata. Aos pais que eu tive. Muito grata, muito grata.

Tatiana: Queria saber como foi ir para a Armênia pela primeira vez que você foi ainda na época...

Armenia: Soviética. É, eu fui em 65, ainda época soviética. Foi muito interessante, muito emocionante você conhecer, porque ali estão todos os armênios, ali também uma grande parte da história. Fui a Etcmiadzin. Que emoção de ver. Fui ao lago Sevan. Claro que ali não era onde meu pai viveu, mas tinha ali os armênios e minha comunidade. É claro que fui muito bem recebida. Já te falei. Com esse nome e sobrenome, então é um abre portas na Armênia. E muito emocionante, porque eu era muito juvenzinha, eu tinha 20 anos. Então foi... a primeira viagem e acho que da comunidade fui a primeira que visitou a Armênia. Acho que não tinha ninguém que eu conhecesse que tinha tido essa oportunidade de visitar a Armênia.

Júlia: Você falou que as comunidades eram sempre pequenas, que eram núcleos muito pequenos, tanto em Fortaleza quanto em Goiânia, e queria que você contasse pra gente um pouco de como eram essas festividades, como é que era, enfim, com a sua mãe brasileira, outras esposas que também eram brasileiras. Como é que era isso, como que era a comida...?

Armenia: Não, na.. Em Fortaleza Eram to- o único casado com brasileira era meu pai. Porque aconteceu também o seguinte, num momento lá, tinha muito solteiro eles pagaram a passagem de um dos armênios de lá para ir para a Síria e para o Líbano trazer esposas. Quando propuseram isso para o meu pai “De jeito nenhum.” “Eu não vou casar com uma pessoa que eu não conheço. Quero casar com alguém que eu veja e goste.” E aí foi meu pai, o único que casou com brasileira. Por isso que eu te digo que na comunidade a minha mãe era... Não era, não era, vou dizer assim, discriminada, mas era colocada à parte porque não falava armênio. Mas a minha mãe aprendeu comida armênia e cozinhava melhor do que as armênias, porque quando a gente comia comida feita pelos ar- por exemplo um charuto e um trigo com galinha, não tinha, era imbatível. Minha mãe fazia que era uma beleza. E a minha mãe tinha muito orgulho. Ela sempre falava “Porque a Armênia” E ela tirou. Ela era de Souza Lima. Ela tirou o sobrenome dela. Ela é só Luiza Nercessian. Ela tirou os nomes brasileiros, Luiza Nercessian. e ela falava “Sou Luiza Nercessian, meu marido é armênio.” Ela assim de. E ela sempre falava “Minhas filhas... Meu marido é armênio e minhas filhas são todas armênias” Engraçado, né? Para você ver, uma brasileira, assim como meu cunhado meu cunhado é brasileiro, e colocar preterir o sobrenome dele por um sobrenome armênio é realmente incrível. Por isso você disse “Vocês têm orgulho e fazem questão, se sentem armênios?” Mas se até um brasileiro faz questão de colocar um sobrenome armênio, como é que eu não vou ter essa? Entendeu? Essa ligação, essa esse vínculo e não me sentir armênia? Não tem como, não tem como. E eu adoro meu nome. E o nome da minha irmã, da segunda, é Hayni, que é o nome da cidade do meu pai. E a outra é Ani, que é outra cidade armênia. Stepan é o nome do meu avô. E a Anita é é Anita por causa da Anita Prestes. Porque foi justamente quando nasceu, quando a Anita nasceu e todo aquele problema vinha, não vinha,... a mãe na prisão, então, a única que tem nome brasileiro é por causa da Anita Prestes. Então é essa a história aqui do núcleo familiar meu. Vocês tem que cortar muita coisa, né?

Tatiana: Eu não vou cortar muita coisa, não.

Armenia: Não, fiquem à vontade para meter a tesoura, viu?

Júlia: Eu fiquei curiosa, ia te perguntar como que era com o seu tio o tio, irmão do seu pai.

Armenia: Meu tio, meu tio era uma coisa. Meu tio era um querido. Meu tio era uma pessoa de dinheiro, tinha bastante dinheiro. Não vou dizer que rico, porque hoje em dia o parâmetro de rico é outra coisa. Mas na época a gente achava ele o ricaço. Ele era de uma generosidade também. Ele, meu pai, quando entrava numa temporada de jogo e perdia tudo, ele mandava dinheiro pra gente. Então, outra coisa, todo- meu tio cada vez que ele vinha visitar, ele vinha pelo menos uma vez por ano, ele vinha visitar a gente. Ele me trazia um relógio. Uma vez me trouxe um relógio com marcasita, com pedra, um colar de ouro, além de trazer roupa. Ele morava no Rio. Ele ia na Sloper, que era a melhor loja e comprava umas roupas lindas. Trazia pra gente. Me deu uma bicicleta japonesa, a primeira bicicleta que eu tive. E outra coisa, quando eu vim ao Rio, ele ele me recebia assim numa deferência. E quando ele morreu eu fiquei muito emocionada porque as minhas primas me deram. Ele guardava no cofre dele as reportagens que saíam com meu nome, com minha foto que a minha mãe mandava para ele. Sabe lá em Goiânia? Não te falei que saía, mandava para ele. Inclusive uma reportagem que saiu no Cruzeiro, que na época do Jango, que o Jango, toma posse, não toma. Goiás fez um movimento de resistência e eu participei desse movimento. Então tinha uma reportagem no Cruzeiro que eu estava lá. Pois ele tinha essa revista e eu já não tinha mais. Olha que emocionante ele guardar no cofre onde ele guarda escrituras, entendeu? Fiquei muito emocionada com isso, muito emocionada. Então ele foi um querido, foi um querido. Meu pai quando meu pai morreu, he tinha cinco filhos, estavam todos vivos nessa época. Ele falou assim “Estou sozinho no mundo de novo” Tamanha a ligação dele com o irmão, que ele se sentiu só. Depois, quando o irmão morreu. E dois anos depois ele morreu. Ele ficou doente, uns seis meses depois, ele ficou doente, foi para a Inglaterra se tratar e tudo, mas morreu. É, mas era uma relação linda. É isso.

Tatiana: Armenia, muito, muito obrigada.

Armenia: De nada.

Tatiana: É sempre bom te escutar.

Armenia: Olha, deixa eu te falar, enfia a tesoura, entendeu? Não, enfia a tesoura com toda a liberdade, viu? Com toda a liberdade. Porque eu falo muito.

Tatiana: A gente teve esse privilégio de escutar tudo...

Armenia: Eu falo muito, porque meu irmão é assim, Ele vai dar entrevista, a pessoa dá uma pergunta, ele enfia uma história toda, daqui a pouco ele fala duas horas sem parar. Então eu dou toda- Olha, eu não vou ficar chateada, eu vou entender. Enfiem a tesoura.